

J. HERCULANO PIRES

Parapsicólogo, Professor, Jornalista, Escritor.
Romancista de alto sentido filosófico.

Entrevista feita no programa "Câmara Aberta", levado ao ar no dia 30.6.1977 pela Rede Tupi de Televisão - Canal 4 - São Paulo, no advento do cinqüentenário de Mediunidade de Francisco Cândido Xavier.

Chico Xavier é uma doação, uma verdadeira doação, uma criatura que se entregou inteiramente aos outros. Criança, ele foi, como todos sabem, uma criança pobre, abandonada, sofredora, entregue mesmo a situações bastante cruciais e cruciantes; sofreu bastante na adolescência também, desenvolvendo a sua mediunidade que é uma das mais fabulosas mediunidades do mundo; a sua capacidade de psicografia é extraordinária como sabemos, um volume de obras por ele recebidas, obras de escritores, poetas, cientistas, sim, de cientistas também, como se vê nas suas obras referentes a problemas científicos. Chico Xavier realizou um trabalho constante de abnegação, de entrega aos outros, não pensou em si mesmo, não cuidou de si, cuidou de servir a Doutrina, que lhe pareceu o que mais lhe tocava o coração, e a mais certa, e entregou-se a essa doutrina, procurando ajudar, esclarecer e orientar as criaturas em todas as situações difíceis em que se encontravam; nós sabemos que Chico não media horas, e não mede ainda hoje, apesar de ser obrigado a não se exaurir tanto, ele na verdade, entrega-se às pessoas que lhe necessitam com inteira abnegação, inteiro carinho, com verdadeiro amor fraterno; é uma criatura que realiza uma das coisas mais difíceis do ensino evangélico: "Amar o próximo como a si mesmo."

HUMBERTO DE CAMPOS FILHO

Jornalista, Escritor e Poeta eminentes.

— E suas relações com Chico Xavier, atualmente, Humberto? — pergunta o redator.
— São e sempre foram ótimas.

... Chico, que Deus te abençoe eternamente, pela bênção que você tem sido para todos nós...

EWERTON DE CASTRO

HUMBERTO DE CAMPOS FILHO

Você acredita que as mensagens de Chico, são mesmo obra do espírito de seu pai?

— Você é a milionésima pessoa que me faz essa pergunta, ou melhor — essas perguntas. Vou tentar responder ambas, agora, contando uma passagem de minha vida:

Por volta de 1957, vindo com uma caravana de espíritas até Uberaba, como tanta gente que busca, incansavelmente, uma resposta às suas perguntas angustiosas sobre o fenômeno da morte, do destino e da dor, fui conhecer de perto o Chico Xavier. Passados tantos anos, quase duas décadas, ia encontrar-me com aquele que tinha sido alvo de uma ação movida pela minha família. Foi um encontro realmente comovente, pois, desta vez, ambos estávamos do mesmo lado da trincheira. Participei da feitura da sopa dos pobres, descascando cenouras sob um telheiro, numa atmosfera que lembrava as cenas simples dos primeiros dias do verdadeiro cristianismo. Caminhei ao lado do Chico ao longo da romaria que era realizada no sábado à tarde, levando um saco com mantimentos, que seriam distribuídos aos pobres, visitados no trajeto. Presenciei no interior de uma palhoça o tocante momento em que um doente grave era visitado pelo espírito de Memei, que se anunciaava por um pronunciado cheiro de éter que, depois, era substituído pelo aroma de flores silvestres. E, por final, já na noite anterior ao nosso regresso, a conversa realmente impressionante que tive com ele.

De início, envolvido por aquela atmosfera de paz e bondade que sua presença transmite, conversamos sobre o passado e sobre as coisas que julgávamos importantes, em relação ao momento em que vivíamos. De repente, sem as bufadas ou contorções tão comuns para quem freqüenta reuniões desse tipo, notei que o Chico deixava de ser o Chico para ser, talvez, alguém que identifiquei como meu pai. Pelas coisas que dizia e pela forma que as dizia. E o que ouvi naquela noite, guardei para o resto de minha vida. Foram coisas que agora me fazem pensar se não estamos bem próximos ou já chegamos aos instantes de decisão, vaticinados por aquela voz.

O mundo é uma fogueira que se consome nos mais baixos impulsos da vaidade e da ambição do homem. Nesse mundo que está sendo transformado, fisicamente, sem nenhuma consciência e sem nenhum escrúpulo, numa rapidez

... quero abraçá-lo por tudo que você, através do seu caminho e de sua "LUZ", tem feito para consolar o homem, o ser humano nesta penosa travessia da vida...

JOÃO JOSÉ POMPEO

surpreendente, o próprio homem, vivendo nesse contexto e agindo de acordo com as regras vigentes, para não ser aniquilado, já começa a desconfiar de que alguma coisa está profundamente errada."

— Essa entrevista com Humberto de Campos Filho, falando sobre Chico Xavier pessoa humana, sobre Chico Xavier, homem de paz e de bondade, comove aos espíritas e umbandistas. E o momento inesquecível na vida de Humberto, no qual as palavras e as coisas ditas por Chico, pareciam vir da mente do seu querido pai — também são registros importantes — pois que dificilmente um filho esquece as maneiras, os pensamentos e conceitos íntimos de seu pai. Pode ser que o Espiritismo não tenha conquistado em Humberto um adepto fervoroso, mas — segundo ele mesmo confessa — a figura de Chico Xavier, naquela noite longínqua, plantou, em seu coração, uma semente de esperança, que jamais deixará de ser cultivada.

LICINIO LEAL

Grão Mestre da Grande Loja Maçônica do Estado de Goiás, Vice-diretor da Faculdade de Direito Federal de Goiás, Presidente do Colegiado de Cursos Jurídicos da UFG. Professor nas Universidades de Direito Federal, Católica e Anhangüera. Já escreveu uma vasta produção literária e Jurídico Penal.

"Foi aos 17 anos de idade, pela vez primeira, ouvi falar de Francisco Cândido Xavier, o Chico Xavier. Eu havia ido à Veneza brasileira, estudar. Hospedei-me com um parente longínquo, fervoroso adepto do Espiritismo. Sua biblioteca estava repleta de obras espíritas, a maioria mediúnica, escritas por Emmanuel, André Luiz e outros, através do médium de Pedro Leopoldo.

Os jornais de grande circulação no Nordeste, vez por outra estampavam, nos idos de 1952, reportagens de primeira página sobre o mago da mediunidade no Brasil. Sua extraordinária fertilidade literária - jamais igualada, aqui e além fronteiras, nem mesmo por Coelho Neto ou Castilho - era motivo de

...Acho que só há uma palavra para ser dita a você. Obrigada pela pérola de consolo que você nos deu no momento de desespero. Obrigada pela pérola da verdade neste mundo de dúvidas...

MARIA IZABEL DE LIZANDRA

espanto, saindo de um modesto amanuense do Ministério da Agricultura, que jamais tivera outra escolaridade que o primário. Descreviam-se os seus gestos no momento da produção mediúnica - a mão esquerda cobrindo os olhos, a mão direita empunhando um lápis após outro, numa escrita nervosa e extremamente rápida, as folhas de papel sem pauta retiradas por um acólito. E ao cabo de alguns minutos do mais profundo silêncio, diante de uma assistência contrita e expectante, ora lida, pelo próprio médium, o texto recebido durante o transe, ora uma poesia concebida nos mais diversos estilos, ora uma exortação de cunho ético ou religioso.

Ao vir para Goiás, senti, no Planalto, uma profunda atração mística na direção do grande médium brasileiro. Os centros espíritas, as mocidades espíritas se espalhavam pelas principais cidades goianas. Tornei-me espírita, Kardecista - Kardec o mentor do verdadeiro Espiritismo, seguido por Francisco Cândido Xavier. E como todo espírita, aspirava a conhecer o grande médium.

Ele se transferira, por ordens do alto, segundo confidenciara a amigos, para a cidade mineira de Uberaba. Tinha, como secretário Weaker Batista, como eu Maçom: quando esse ilustre Obreiro foi Venerável Mestre da Loja "Roosevelt", de Anápolis, eu fui seu Orador. Daí, o convite de Weaker, que mora ao lado da casa de Chico Xavier. À noite, seria a sessão. Não havia muitas pessoas de fora, ao contrário do que, freqüentemente, ocorre. Mesmo assim, o recinto estava repleto.

Uma fervorosa adepta de Chico lhe trouxe uma exuberante rosa vermelha que ele, após a apresentação, me passou às mãos, como uma recordação sua.

Após, homens e mulheres, vestidos com simplicidade, apesar de vários serem portadores de títulos universitários, reunimo-nos em torno de uma mesa, onde seriam discutidos textos do Evangelho. Coube a mim discorrer sobre o texto escolhido, à deriva. Chico, enquanto isso, cerca de hora e meia a duas horas - se trancara num quarto, contiguo, atendendo a uma fila, que, lentamente, se esvaiava. Ao termo, voltou, sereno, e sentou-se; sobre o papel, no gesto característico de vedar os olhos, começou, como tangido por estranha corrente elétrica, a escrever, página que leria, minutos após, com voz angelical.

...mas, meu Deus, como posso eu, Chico, escrever alguma coisa para alguém que tem escrito tantas coisas importantes e lindas...

ELISABETH HARTEMAN